

A GENÉTICA DE PONTA TAMBÉM DEVE ESTAR NA PECUÁRIA FAMILIAR

FELIPE ROSA / DIVULGAÇÃO / CP



BRUNA PENA SOLLERO
Pesquisadora da
Embrapa Pecuária Sul

A rotina de “tomar nota” e comparar resultados ano a ano é determinante para quem quer progredir em índices produtivos e tomar decisões com mais segurança e assertividade

Genética de ponta e pecuária familiar são temas que conversavam pouco. Iniciativas como o PoloGen (Polo de Excelência em Genética Taurina) têm ajudado a mudar esse paradigma. Liderado pela Embrapa, em parceria com a Emater, Senar e associações de raças taurinas e sintéticas, o projeto, a partir de 2015, passou a multiplicar conhecimento em melhoramento genético de gado de corte para pequenos produtores do Rio Grande do Sul e disseminar doses de sêmen de touros avaliados como superiores nos programas institucionais de melhoramento genético, possibilitando a melhora dos rebanhos comerciais desses pecuaristas.

Depois de quatro anos e mais de 50 produtores alcançados, o PoloGen encerra este ciclo com bons frutos. O pecuarista participante do projeto passa a valorizar a boa genética, mas também trabalha na qualificação de todo o sistema de produção. Com autonomia, hoje escolhe doses de sêmen de touros melhoradores para seguir investindo. Também há a percepção de que os animais nascidos a partir do projeto trouxeram um diferencial que merece ter continuidade, utilizando-se as fêmeas na reposição do rebanho. Resultado dos acasalamentos orientados por quatro estações consecutivas, os animais apresentaram um padrão racial definido que mudou (e valorizou) o perfil dos plantéis. A simples prática da identificação individual de cada animal – associada ao uso da Inseminação Artificial em Tempo Fixo e a uma estação reprodutiva estabelecida – favoreceu tanto a comparação mais confiável de animais com idades semelhan-

tes como o reconhecimento de todo o rebanho. Além de terneiros mais pesados e valorizados, a identificação e o descarte das vacas improdutivas abriram oportunidades para o “diferencial genético acumulado”, expresso nas novilhas.

Nesses quatro anos foram mais de 3 mil doses de 38 touros jovens disseminadas pelo projeto, com dados de 680 terneiros monitorados. Com o retorno das performances das progênes para o banco de dados da Embrapa, foi possível identificar a influência ambiental sobre a genética. Filhos de um mesmo touro, nascidos em sistemas com limitações nutricionais e/ou problemas sanitários, por exemplo, são comparados com o desempenho daqueles nascidos onde existem melhores condições de manejo, buscando avaliar a progênie em diferentes situações reais de produção.

A rotina de “tomar nota” e comparar resultados ano a ano é determinante para quem quer progredir em índices produtivos e tomar decisões com mais segurança e assertividade. Os produtores avançaram nesse ponto com as capacitações promovidas pelo projeto, mas ainda há muito o que fazer nesse sentido.

Por meio do PoloGen trabalhou-se a apropriação de saberes e tecnologias em melhoramento genético e foi possível verificar que o uso correto de genética qualificada oportuniza a melhora dos índices produtivos, cabendo ao produtor trabalhar estrategicamente e com um novo olhar sobre todo o sistema para maximizar esse potencial.

13ª REUNIÃO TÉCNICA ESTADUAL SOBRE PLANTAS BIOATIVAS

Sob o tema-chave “Ciência, Saberes e Práticas Tradicionais em Plantas Bioativas”, evento promove o debate e a qualificação para o cultivo e uso das plantas bioativas, visando ao fortalecimento da cadeia produtiva e da rede de entidades envolvidas, aproximando as etapas da produção e facilitando a troca de experiências, atualização, motivação, fortalecimento de parcerias e ações integradas. As inscrições custam R\$ 50,00 e podem ser feitas na página <https://www.unisc.br/site/plantas-bioativas/> da web.

Data: 17 a 19 de setembro.

Local: Auditório Central da Unisc, em Santa Cruz do Sul.

INTERNATIONAL FISH CONGRESS & FISH EXPO BRASIL

Evento reúne principais entidades da cadeia do pescado para discutir o crescimento da produção de espécies de água doce, demandas do mercado e métodos de manejo. A programação também conta com uma feira de negócios, da qual participam empresas de tecnologia, equipamentos, nutrição e sanidade para a cadeia do pescado.

Datas: 17 a 19 de setembro.

Local: Centro de Eventos Maestra, em Foz do Iguaçu (PR).

5º CONGRESSO SUL-AMERICANO DE AGRICULTURA DE PRECISÃO E MÁQUINAS PRECISAS

Palestras, painéis, cursos, startups e banners apresentam os avanços da agricultura de precisão na América Latina. Inscrições no site www.apsulamerica.com.br

Datas: 24 e 25 de setembro.

Local: Parque da Expodireto Cotrijal, em Não-Me-Toque.

COTAÇÕES & MERCADO

GUAÍBA CORREIO RURAL

Aos sábados, das 08h30 às 09h30.

RÁDIO GUAÍBA
101.3FM 720AM

PREÇOS AO PRODUTOR (em R\$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	40,50	43,19	47,62
Feijão	saco 60 kg	100,00	134,41	180,00
Milho	saco 60 kg	30,00	32,68	38,00
Soja	saco 60 kg	72,00	75,80	83,50
Sorgo	saco 60 kg	26,00	27,23	28,50
Trigo	saco 60 kg	40,00	41,50	43,00
Boi gordo	kg vivo *	4,95	5,24	5,60
Vaca gorda	kg vivo *	4,30	4,56	4,90
Búfalo	kg vivo	3,60	4,41	5,10
Suíno	kg vivo	3,06	3,58	4,30
Cordeiro p/ abate	kg vivo	6,00	6,98	8,00

Semana de 09/09/2019 a 13/09/2019 | * Prazos de 20 ou 30 dias

BRASIL Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2017/18	Safra 2018/19
Arroz	12.064,2	10.449,3
Feijão	3.116,1	3.022,8
Milho	80.709,5	99.984,1
Soja	119.282,0	115.030,1
Trigo	5.427,6	5.399,7

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2017/18	Safra 2018/19
Arroz	1.972,1	1.697,0
Feijão	3.171,7	2.933,1
Milho	16.616,4	17.495,4
Soja	35.149,2	35.874,1
Trigo	2.042,4	2.046,1

RIO GRANDE DO SUL Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2017/18	Safra 2018/19
Arroz	8.460,2	7.389,1
Feijão	107,6	95,0
Milho	4.827,8	5.768,1
Soja	17.150,3	19.187,1
Trigo	1.871,9	1.969,3

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2017/18	Safra 2018/19
Arroz	1.077,6	1.001,1
Feijão	58,8	56,1
Milho	728,4	753,9
Soja	5.692,1	5.777,5
Trigo	681,7	736,2

Dados do 12º Levantamento de Safra 2018/2019 da Conab

Eu os vi aos borbotões, aos punhados, os antigos e lendários duendes do Pampa. Os gaúchos remanescentes das antigas gestas. Atavam seus cavalos na cerca em frente ao bolicho lá da Vila Rica, debaixo dos ciprestes e cinamomos, chegavam arrastando as chilenas na terra vermelha, tiravam o chapéu e, quase sempre, pediam um trago de canha. Riam, contavam causos, pareciam ser felizes aqueles tauras andarengos de risadas largas. Diziam versos aos gritos, uns tocavam gaitas, outros violões de cordas enferrujadas. Sim, eu os vi cruzando as estradas repontando tropas, os vi curando bicheiras, marcando o gado nas mangueiras, pealando de sobre-lombo, rebolando o pala no alto das coxilhas. Eu falo deles porque estive no meio daquela gente campeira, ninguém me contou, não precisei ler manuais nem compêndios de história para aprender.

Por isso, hoje eu sei o que celebram nesses milhares de acampamentos de setembro os gaúchos autênticos ou os simples apoiadores da cultura gauchesca. Entendo os festejos de quem vive de bota e bombacha ou os que gostam de vestir as pilchas por apenas alguns dias. Eles não estão, meus amigos, comemorando apenas uma guerra perdida como bradam aos quatro ventos muitos historiadores. Todos que ali estão nada mais fazem do que participar de rituais em louvor ao povo gaúcho, àqueles primitivos viandantes de um lugar ermo para outro, sem paradeiro fixo, fundadores de novas querências, e que, ao longo de suas existências, foram espalhando usos e costumes, tradição e folclore. É esta gama de cultura que é reverenciada nesses dias de folgedos, de sons de cordeonas, dan-



CAMPEREADA

PAULO MENDES

pmendes@correiodopovo.com.br

A identidade



ças, churrascadas, trovas, declamações, teatro e concursos.

Reconheço, também, que em muitos casos há entendimentos errôneos e equivocados por parte de pessoas ou entidades a respeito de nossa história. Sei, ainda, que a cultura gaúcha, durante a sua formação, foi sendo usada para fins nem sempre republicanos. Que ao se apropriar do gauchismo, as classes dominantes fizeram valer o seu ponto de vista sobre os mais pobres e servís. Tudo isso é verdade. Mas procuro sempre dizer aqui, nesta coluna que já completou dez anos, que não somos melhores nem piores do que nenhuma outra cultura. Que na verdade somos diferentes e que justamente essas diferenças fazem uma nação ser grande e respeitada. Creio que seja isso que devemos sempre passar para as próximas gerações: o orgulho pelas nossas particularidades.

Para concluir, queria dizer que além do mais, podemos até realmente termos perdido a Guerra dos Farrapos. Que, sim, foi patrocinada por estancieiros, mas quem poderia bancar um exército, prover alimentação, comprar armas e munição para enfrentar uma refrega bélica de 10 anos? Mas se a perdemos, ganhamos uma identidade, algo extremamente valioso para um povo. Dessa forma e pelo exposto até aqui, acho bonito e até comovente a forma como a gauchada espalhada pelo mundo afóra se diverte nesta época. É a força de uma cultura forjada a ferro e fogo que reverbera nesses ranchinhos de costaneiras cobertos de zinco. Ao redor do fogo de chão reiteramos nosso respeito ao passado. É ali naquele rústico templo campeiro que nós, os filhos do pago, mostramos ao mundo nossa identidade cultural. A carteira de gaúcho.